



BIOTECNOLOGIAS REPRODUTORAS E UTOPISMO EM *WHEN IT CHANGED*, DE JOANNA RUSS

Anunciata Sawada¹
Isabela Cabral Félix de Sousa²
Lucia de La Rocque³

A percepção das escritoras feministas de ficção científica do amálgama entre os campos ocupados pelas questões de gênero e de ciência passa, necessariamente, pela discussão travada por essas autoras acerca do papel da mulher numa sociedade em que a ciência respalda o poder masculino. Essas obras denunciam como uma forma de ciência, alavancada pelo patriarcado, manipula o corpo da mulher, principalmente nas questões que remetem ao biológico. Esse tipo de leitura, na realidade, instiga debates fundamentais para o feminismo, cobrindo desde a discussão em torno de formas alternativas de reprodução humana, tais como se apresentam na ficção e já aconteceram ou estão para acontecer, envolvendo maior ou menor teor decisório das mulheres sobre seu próprio corpo, até questionamentos sobre a idéia do ciborgue, altamente polêmica e trazida para o cerne dos estudos feministas com as obras pioneiras de Donna Haraway. Neste trabalho, focaremos justamente a primeira inovação mencionada: o modo pelo qual a ficção científica de autoria feminina tem encarado as biotecnologias reprodutoras (novas tecnologias reprodutivas, ou NTRs).

As NTRs têm desempenhado um papel bastante ambíguo quanto à arena de estudos de gênero. Por um lado denunciadas como ferramenta do patriarcado por grande parte da crítica feminista (Scavonne, 2003), por outro essas tecnologias também têm sido encaradas como possibilidades de libertação do corpo da mulher no que concerne à reprodução da espécie; e é nesse cenário onde se encaixa o conto *When it changed*, de Joanna Russ, de 1975, focado no presente trabalho. Já que trataremos de uma utopia feminista, faremos uma breve recapitulação de como esse sub-gênero da ficção científica surge no horizonte sócio-histórico-literário de sua época.

Breve contextualização das utopias feministas

1 Museóloga, Professora de Educação Artística, Esp. em Ciência das Artes, Museu da Vida, Fundação Oswaldo Cruz - sawada@coc.fiocruz.br.

2 Pesquisadora Visitante da Escola Politécnica da Saúde Joaquim Venâncio / Fundação Oswaldo Cruz e Professora da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - isabelacabralfelix@gmail.com.

3 PhD, Pesquisadora e Professora do Instituto Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz e do Instituto de Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - luroque@ioc.fiocruz.br.



É possível que a capacidade de sonhar com um mundo melhor tenha acompanhado a humanidade desde sempre. A literatura através dos séculos registrou esses sonhos, A República de Platão sendo separada do trabalho de Thomas More, *Utopia*, por quase 2000 anos. Essas sociedades perfeitas criticavam as mazelas das sociedades reais de seus autores. As utopias da Modernidade transmitiam a crença de que após a evolução de conhecimento dos séculos XVII e XVIII, à medida que a ciência e a tecnologia penetravam em todos os espaços possíveis, nosso mundo viraria a edição terrena do Paraíso. Entretanto, como Booker (1994, p. 6) pondera:

Até o século XIX, muito dos progressos tecnológicos previstos pelos primeiros cientistas, como Bacon, já tinham sido alcançados, mas muito deles já deixavam entrever que a ciência não teria um efeito totalmente emancipatório sobre a humanidade. De maneira muito evidente, os avanços tecnológicos, possibilitados pelo progresso da ciência, contribuíram para uma revolução industrial na Europa ocidental [...] que mostrava ser tudo menos emancipadora para as massas de trabalhadores europeus explorados, que se viram de repente atrelados às máquinas a serviço da indústria [...] Não surpreende, pois, que as visões utópicas do século XIX mostrem uma forte ambivalência em relação à ciência e à tecnologia.

No século XX, marcado pela ascensão dos regimes totalitários e de um capitalismo desenfreado e impiedoso com os desprivilegiados, essa produção literária distópica se avoluma. Após a reorganização planetária do período de pós-guerra, houve um momento histórico especial, os efervescentes anos 60, que pareciam carregar em seu bojo a frágil, mas insinuante promessa de uma nova ordem mundial, reacendendo o sonho utópico. Moylan (2000, p. 68) descreve esse momento:

Um forte veio utópico percorria o trabalho do Marxismo Crítico e da Nova Esquerda, as teorias sociais dos movimentos de libertação raciais e nacionais, as vozes múltiplas do feminismo, os gritos dos pobres e dos despossuídos, as asserções da diferença sexual e do desejo, os debates a favor da paz mundial e do governo mundial, e a reconceitualização da relação da humanidade com a própria natureza.

O impacto desse panorama político-cultural foi contundente na literatura, e ainda segundo Moylan, “o engajamento político mais eficaz no mundo da ficção científica desse tempo veio do trabalho criativo e crítico de mulheres, como a ficção científica feminista em geral e as utopias críticas em particular demonstram” (p.36). Essas utopias foram alternativas ao controle que caracterizava as distopias, sobre mentes e corpos, e portanto afetando homens e mulheres de forma diferente. Um dos aspectos femininos mais manipulados pelo patriarcado, através dos tempos, foi o fato de que, para que a reprodução da espécie humana aconteça, a geração do novo ser deva ocorrer só no corpo da mulher. Os aspectos da reprodução humana, espelhada na maternidade, e do cuidado com a prole, que corresponde à maternação, foram tão extensivamente discutidos em obras como o já referido conto *When it changed*, (1972), de Joanna Russ, os romances *The Female Man*, da



mesma autora, *Motherlines* (1978), de Suzy Mc Kee Charnas, e *Woman on the edge of time* (1976), de Marge Piercy, para citar algumas. Veremos, a seguir, como a obra em questão lida com as dimensões de gênero e ciência que tanto nos interessam, e que a ficção científica de autoria feminina traduz de forma eloqüente.

When it Changed

Esta obra de Russ, segundo Justine Larbalestier (2002) provocou um choque no modo como as relações entre os gêneros eram retratadas na ficção científica. Até então, as narrativas, quase todas de autoria masculina, descreviam sociedades dominadas por amazonas e terminavam a inversão de tal domínio ao relatar a “rendição” da heroína, previamente incluída numa sociedade homossexual ou assexuada, à “virilidade” do herói. Tal desfecho pode ser exemplificado neste trecho, retirado de *Who Needs Men*, de Edmund Cooper, publicada no mesmo ano de *When it Changed*:

Ele a beijou nos lábios. Ela tentou se livrar, mas com um braço ele conseguiu segurá-la. O rifle foi largado. Havia algo terrível naquele beijo. Era como nenhum outro beijo que ela conheceria. Era humilhante, era degradante, era perturbador. Drenava a força de seus membros, povoava sua cabeça de pesadelos. Ele a soltou. “Bem, exterminadora. Isso foi um tipo de estupro, não foi?” (Cooper, *Apud* Larbalestier, 2002: 234).

Em *When it Changed*, uma nave cheia de homens aterrissa num planeta habitado somente por mulheres, denominado de *Whileaway*, mas a reação das mulheres é exatamente contrária à retratada acima. Terry Carr assim resume o enredo do conto, ao ser convidado para editar uma seção da conhecida revista de ficção científica, *Amazing*, dedicada ao avanço das mulheres no campo desse gênero literário:

A narrativa abre com uma colônia terráquea perdida num planeta distante, onde todos os homens morreram há muito tempo, e as mulheres aprenderam a se reproduzir partenogeneticamente. Elas estabeleceram uma sociedade funcional e feliz, e quase esqueceram, através dos séculos, que os homens jamais existiram. Então uma nave espacial da Terra acaba aterrissando na colônia perdida, e os homens da tripulação ficam admirados como as mulherzinhas têm sido corajosas e cheias de recursos, lhes dizendo com condescendência que seu longo exílio chegou ao fim. Os Homens Estão Aqui. As mulheres apenas os olham sem saber o que fazer, se perguntando sobre que diabos eles estão falando. (Carr, *Apud* Larbalestier, 2002: 88).

Apesar de tocar em pontos importantes do conto de Russ, o resumo acima releva uma questão vital para *When it Changed*, sob o ponto de vista do tratamento da sexualidade feminina. Nessa obra, as mulheres casam e formam famílias entre si. Isso é visto como algo natural, sintonizado ao contexto, isento de perversão, ao contrário do tratamento da questão do homossexualismo feminino detectado em obras como a já mencionada *Who needs men*. Podemos dizer que este conto de Russ é um divisor de águas do modo como a relação entre os gêneros é



tratada na FC. No início de *When it changed* não temos dúvida do gênero do narrador, que começa o conto afirmando que sua mulher, Katy, “dirige como uma maníaca” (Russ, 1983: 2191), mas “não tocaria em uma arma”, dizendo logo em seguida, que “Katy e eu temos, entre nós, três filhos, um dele e dois meus” (Ibid, Ibidem) Um/a leitor/a contemporâneo/a, desavisado/a a respeito do caráter transgressor da obra em questão, pensará que se trata de um casal heterossexual, o marido tendo tido dois filhos anteriores ao casamento e a mulher, um. Tal conclusão, porém, é questionada quando o narrador afirma, a respeito de sua filha mais velha, que esta tem sua “altura, mas os olhos de Katy, o rosto de Katy” (Ibid, ibidem), o que sugere mesclas de características físicas do casal, ao invés do que seria esperado de filhos de diferentes pais e mães. Percebemos que se trata de um casal homossexual quando a filha, Yuriko, grita “Homens!...” “Eles voltaram! Homens de verdade, da Terra!” (Ibid, p. 2192). Torna-se claro, que o narrador é uma mulher, de nome Janet. e que o planeta em que vive, *Whileaway*, é habitado apenas por mulheres. Vale citar aqui a reação de Janet ao primeiro encontro com os terráqueos:

Eles são maiores que nós, Maiores e mais fortes. Dois eram mais altos do que eu, e eu sou extremamente alta, um metro e oitenta centímetros descalça Eles são obviamente de nossa espécie, mas diferentes, indescritivelmente diferentes, e meus olhos não podiam e ainda não podem compreender as linhas desses corpos alienígenas... Eu só posso dizer que eles eram macacos com rostos humanos... Eles são tão pesados quanto cavalos de carga. Vozes pastosas, grossas (Ibid, Ibidem).

Como se pode ver, a reação de Janet à primeira visão de um homem é a de estranhamento, como ocorre nos romances “flasher” (como a própria Russ (1995) define as obras como *Who Needs Men*, acima citada). No entanto, ao contrário do que acontece nesse tipo de FC de autoria masculina, não há nenhuma “rendição” das habitantes de *Whileaway* ao charme dos terráqueos. Muito pelo contrário, quando Janet pergunta à filha adolescente, Yuriko, se ela poderia se apaixonar por um homem, a moça ri diante da idéia de se apaixonar “por um sapo de dez pés de altura” (Russ, 1983m p. 2196). Isso pode ser facilmente visto como uma irônica inversão da história da princesa e do sapo... Yuriko não espera que eles virem príncipes.

A profunda integração entre as mulheres é sentida em especial na descrição do carinho entre Katy e Janet. Depois do encontro com os homens da Terra, Janet se lembra de Katy, temendo pela perda de seu mundo já que os homens estavam mesmo vindo para ficar, soluçando “como se seu coração fosse partir”. A própria forma de reprodução em *Whileaway* é um espelho desta integração, como veremos a seguir.

As biotecnologias reprodutoras em questão



Ao contrário do que poderíamos pensar, o modo de reprodução nos clones humanos, presentes na FC contemporânea, inclusive nas personagens de *When it changed*, não configura uma partenogênese induzida quimicamente. O processo empregado em *Whileaway* é explicado por Lydia, a bióloga local que vai ao primeiro encontro com os terráqueos, como sendo diferente da “partenogênese, que é tão fácil que qualquer um pode fazer” (Ibid, 2194). O que elas fazem é “fundir os óvulos” (Ibid, Ibidem) o que, segundo Janet, explica o fato do bebê de Katy se parecer com ela.

Convém assinalar como o processo de fusão de óvulos praticado em *Whileaway*, diverso da partenogênese - e aqui mais uma vez a ironia de Russ - se revela, num conto dos anos 70, em que a própria clonagem de mamíferos ainda era uma meta a ser alcançada, ao dizer que qualquer um poderia praticá-la! - pode ser visto cientificamente. Não se trata de reprodução sexuada na acepção da palavra, já que só um sexo está envolvido.

Em *Whileaway*, a chegada dos terráqueos é sentida como tragédia pelas mulheres. Elas não acreditam nem um pouco que “a igualdade sexual foi re-estabelecida na Terra (Ibid, 2194)”, e quando os homens afirmam que o mundo de *Whileaway* não é natural, Katy afirma que a “humanidade não é natural” (Ibid, Ibidem). A dualidade natureza vs cultura é ardilmente retomada pelo terráqueo, quando afirma que, apesar de ter partes de metais no seu corpo, de existirem homens e até vacas homossexuais, “alguma coisa está faltando em *Whileaway*” (Ibid, 2195). Quando o terráqueo constata que eles precisam dos bons genes de *Whileaway* (Janet havia afirmado orgulhosamente que elas eram oriundas de uma linhagem genética excepcional), por conta de drogas e radiação que causaram um excessivo dano aos genes na Terra, Janet afirma que “eles podem ter células em número suficiente para se afogarem nas mesmas” (ibid, ibidem) No entanto, torna-se claro que a necessidade não é somente do material genético, mas trata-se também de restaurar a economia heterossexual “(Larbalestier, 2002: 90) no planeta, o que fica explícito quando o interlocutor de Janet diz:

Esta não é a maneira como queremos fazer. Você sabe tão bem quanto eu que a cultura partenogenética tem todos os tipos de defeitos inerentes (aqui ignorando explicitamente, e desrespeitosamente, a informação fornecida pela bióloga, acima comentada), e nós não queremos – se pudermos evitar -usá-las para nada deste tipo. Perdoem-me; eu não deveria ter dito “usar”. Mas certamente vocês podem ver que este tipo de sociedade não é natural (Russ, 1983: 2195).

Como Larbalestier aponta, o que eles querem justamente é usar as mulheres de *Whileaway*, “tendo acesso aos genes de uma forma ‘natural’ – através do sexo heterossexual” (2002: 90).



Se nos distanciarmos do contexto da FC, podemos constatar que as NTRs são meios disponíveis para que a concepção possa se dar através da ausência do sexo heterossexual. Naara Luna, em seu extenso estudo antropológico sobre as NTRs (2007), nos revela várias representações criadas em torno dessas tecnologias, como o fato de usuárias das mesmas preferirem “contar para o círculo mais amplo que recorreram a tratamento convencional de fertilidade”. (Luna, 2007, p.158).

Se o conhecimento da inseminação artificial ou fertilização *in vitro* pode levar a suspeitas de o pai genético ser outro que não o marido, na busca dessas técnicas por parte de casais homossexuais a suspeição se acentua. Ao entrevistar médicos e outros profissionais que trabalham dentro do campo das NTRs, Luna (2007, p.129) esclarece que:

No tocante ao uso da reprodução por casais homossexuais...as posições se dividiram. Pouco mais da metade dos entrevistados foi contrária. Um quarto era favorável sem restrições, e outros questionavam apenas o recurso a uma mãe substituta. O bem estar da criança é o argumento mais invocado pelos contrários, uma condição considerada impossível em família fora do modelo reprodutivo de casal heterossexual com papéis masculinos e femininos.

É justamente o modelo reprodutivo fora do padrão, na visão os terráqueos que aportam em *Whileaway*, que se encontra em questão. No entanto, precisamos lembrar que, se *When it changed* rompe com alguns estereótipos fortemente arraigados, certamente não o faz com todos. No curto espaço do conto, pelo menos, não há menção a mulheres sem companheiras tendo filhas (o que implicaria em partenogênese, e não em fusão de óvulos). Isso coaduna com a descrição de Luna da hesitação, baseada nesta mesma aceitação do modelo reprodutivo normativo, por parte dos entrevistados acima, em relação à aplicação das NTRs em mulheres sem companheiro.

Outro fator mencionado por Luna diz respeito à justificativa do uso das NTRs para facilitar a “busca do filho genético” que “traduz a expectativa de sentimento de pertença mais forte fundamentado ao vínculo de substâncias entre pais e filho”, (2007 p. 182), o que resulta no “filho de sangue”, afastando assim a alternativa da adoção. Em *When it changed*, fica mais que clara essa valorização da genética já que, como frisa a narradora Janet, não só o processo de reprodução em *Whileaway* envolve a fusão de óvulos, misturando as características genéticas das parceiras, como também ela se gaba de seus genes.

Russ é uma ativista lésbica radical, e sua obra reflete esta valorização da esfera feminina de ação em detrimento da masculina. Uma outra ativista feminista, americana como Russ, Marge Piercy, escreve alguns anos depois, em 1976, *Woman on the edge of time*, utopia inclusiva, com homens e mulheres participando igualmente da maternação e amamentação das crianças, tríades de mães (a palavra pai é desconhecida) não relacionadas geneticamente a seus filhos, e nos apresenta



uma tecnologia, a mãe máquina, que permite todo esse quadro equânime entre os gêneros (Piercy, 1976).

Considerações finais

Em *When it changed*, as biotecnologias reprodutoras, ao dispensarem a contribuição genética masculina para a propagação da espécie, expressam, de forma utópica, o possível caráter emancipatório dessa esfera de ação. Neste sentido, se vive a liberdade reprodutiva, pois esta advém de autodeterminação individual e da capacidade de exercer escolha com autonomia. O caráter emancipatório em *When it changed* dependeu da eliminação da relação com os homens, do mundo masculino.

Numa breve comparação com obras de ficção científica feminista dos anos 70, fica claro que tal utopismo é peculiar a um contexto histórico e sócio-político bastante pontuado. Assim também pretendemos, com este estudo, ressaltar o papel questionador da ficção científica em relação aos impactos da ciência e da tecnologia no mundo contemporâneo. De fato, tanto Russ como Piercy são vozes protagonistas numa década anterior, na qual o conceito de liberdade reprodutiva se tornara popular. É somente no início dos anos 80, que se populariza a idéia de que as mulheres têm o direito de controlar sua sexualidade e reprodução (Dixon-Mueller, 1993).

Finalmente, é interessante observar que a “nova” identidade feminina das personagens, não é sugerida apenas pela história em si e nos novos comportamentos. O próprio título *When it changed* remontando a um tempo histórico evoca uma mudança concreta já experimentada e bem sucedida. Além disto, a reconstrução do lugar e do espaço em *Whileaway* nos lembra ainda como o vazio deixado pelas regras patriarcais e pelos genes masculinos pode acabar por recriar outras possibilidades.

Bibliografia

BOOKER, M. Keith. *The Dystopian impulse in modern literature: fiction as social criticism*. Westport, Connecticut: Greenwood Press, 1994.

DIXON-MUELLER, R. *Population policy and women's rights: Transforming reproductive choice*. Westport, Connecticut: Praeger, 1993.

LARBALESTIER, Justine. *The Battle of the Sexes in Science Fiction*. Middletown, CT: Wesleyan University Press, 2002.



LUNA, Naara. *Provetas e clones : uma antropologia das novas tecnologias reprodutivas*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz; 2007.

MOYLAN, Tom. *Scraps of the untainted sky: science fiction, utopia, dystopia*. Boulder, Colorado: Westview, 2000.

PIERCY, Marge. *Woman on the edge of time*. New York: Fawcett Crest, 1976

RUSS, Joanna. [1972] 1983 “When it changed”. In *The Zanzibar Cat* 2190-2196; Sauk City, Wis: Arkham House;

_____; 1995. *To Write like a woman: Essay in Feminism and Science Fiction*. Bloomington: Indiana University Press.

SCAVONE, Lucila. *Dar e cuidar da vida: Feminismo e Ciências Sociais*. São Paulo, SP: Editora UNESP, 2003.